



Psicologia - USU
Saberes e questões

**TRANSMISSÃO PSÍQUICA GERACIONAL: UM ESTUDO SOBRE
VIOLÊNCIA CONJUGAL CONTRA MULHERES**
**<GENERATIONAL PSYCHIC TRANSMISSION: A STUDY ON CONJUGAL
VIOLENCE AGAINST WOMEN>**

JUCÁ-VASCONCELOS, Helena¹
FÉRES-CARNEIRO, Terezinha.²

Resumo: O presente trabalho buscou apresentar os resultados de uma pesquisa de mestrado sobre as possíveis relações entre violência conjugal e transmissão psíquica geracional. Esse estudo é relevante pela alta prevalência da violência contra a mulher e por essa ser considerada problema de saúde pública. O objetivo principal da dissertação foi investigar a possível transmissão da violência de uma geração à outra, identificando se houve a ocorrência da mesma também na família de origem e suas prováveis ressonâncias. Averiguou-se também que violências as vítimas sofreram e como as mesmas eram conceituadas por elas, assim como se buscou compreender como os abusos estavam presentes em suas vidas. Para alcançar os objetivos, realizou-se pesquisa de campo qualitativa, entrevistando nove mulheres vítimas de violência física de parceiros íntimos, através de entrevista por bate-papo na internet. O procedimento utilizado foi o Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS). Os resultados obtidos indicaram nítida repetição da violência entre os familiares, seja na posição de algoz, seja na de vítima.

Palavras-chave: Violência conjugal; violência contra a mulher; transmissão psíquica geracional.

Abstract: This study aims to present the results of a master's at evaluating the possible relationship between domestic violence and generational psychic transmission. It is relevant due to the high prevalence of violence against women, and because this is considered a public health problem. The main objective of the master's dissertation was to investigate the possible transmission of violence from one generation to another and its probable resonance. It examines what types of violence the victims suffered and how they conceptualized it. To achieve the objectives, a qualitative fieldwork was carried out interviewing nine women victims of physical violence by intimate partners through means of Internet chat conferences. The procedure used was the Underlying Discourse Unveiling Method (UDUM). The results indicate a clear repetition of violence among family members, from the standpoint of the perpetrator and of the victim.

Keywords: Domestic violence; violence against women; psychic transmission between generations.

Transmissão psíquica geracional: um estudo sobre violência conjugal contra mulheres

A violência conjugal apresenta-se como um problema social que pode causar adoecimento psíquico. Por ser impetrada por parceiros íntimos, pode causar muito sofrimento, já que sentimentos como amor, raiva e mágoa estão presentes. Além disso, por ser o vínculo conjugal

¹ Mestra em Psicologia Clínica pela PUC-Rio, Gestalt-terapeuta, Especialista em Psicologia Clínica institucional HUPE/UERJ, Professora da graduação da Santa Úrsula, Coordenadora da pós-graduação em Psicologia Clínica com ênfase em Gestalt-terapia da Celso Lisboa e Diretora do SaberPSI

² Professora da graduação e pós-graduação da PUC-Rio, Pós-doutorado, Terapia Familiar e de Casal, Universidade de Paris V, Sorbone. Doutora Psicologia Clínica, PUC-SP.



a base da estrutura familiar, muitas vezes outros membros tornam-se testemunhas da violência, sendo comum a preocupação com a reprodução tais comportamentos, seja na posição de vítima, seja na de algoz. Com base nessa perspectiva, tornou-se importante pesquisar sobre as influências familiares a fim de tratar a violência para além das medidas coercitivas, por meio da prevenção e promoção da saúde psíquica e relacional.

A prática clínica, quando se depara com casos de violência contra a mulher, encontra um desafio constante, uma vez que parecem haver situações para além do que é dito. Ademais, uma série de situações complexas acabam por enredar a companheira de tal modo que a impedem de se libertar da conjuntura agressiva, acarretando um enredamento que acaba por paralisá-la.

. Outrossim, quando se escuta a história familiar dessa mulher, observam-se, muitas vezes, que tais situações de violência doméstica se repetem por gerações dentro de um mesmo núcleo familiar. Assim, a compreensão da dinâmica de transmissão da violência nas famílias poderá trazer subsídios para a prática clínica e, quem sabe, colaborar para a criação de projetos de intervenção social que considerem a terapia de família como forma de prevenção da violência. Portanto, o objetivo da pesquisa desenvolvida foi investigar em que medida a violência seria transmitida de uma geração a outra, buscando identificar também se ocorreu violência na família de origem das mulheres entrevistadas.

Conceituando violência conjugal

Um casal que se relaciona de forma violenta contraria o que socialmente é esperado de uma relação amorosa; ou seja, que haja demonstrações de amor, parceria e que apesar das diferenças e possíveis brigas ainda permaneça o respeito mútuo. Para Araújo (2005), o amor e a violência no casal são faces de uma mesma moeda nas relações conjugais agressivas. A tensão envolvida nesses casos liga os parceiros em um jogo que os une e os afasta. Além disso, estão presentes diferentes expectativas projetadas entre eles em relação aos valores sobre o amor, a paixão, o casamento e a família; e, ainda, os mitos, as crenças e as construções sobre as relações de gênero.

O que se observa é que em qualquer relacionamento interpessoal podem estar presentes inúmeros comportamentos que, apesar de inicialmente serem inócuos, por sua persistência e repetição fazem com que se tornem nocivos. Em momento de desavença é que pode ser observada mais claramente essa situação. Isto porque, envolve inúmeros sentimentos que, quando são mal elaborados ou manejados insatisfatoriamente, podem provocar reações excessivas nos momentos de conflito. Saffioti (2004) postula a existência de um *continuum* que vai desde a violência até ao que é socialmente aceito.

Uma grande dificuldade em lidar com a violência conjugal é ainda o fato de haver no imaginário social a aceitação da violência, de forma a atribuir como normal os comportamentos agressivos contra as mulheres (Souto & Braga, 2009). A definição da violência só pode ser compreendida a partir de um determinado contexto social e histórico. Michaud (1989) afirma que a violência é vista a partir de pontos de vista e critérios baseados nos fatores jurídicos, institucionais e sociais de cada época que classificará, ou não, certos comportamentos como violentos. Neste trabalho, postula-se como comportamentos violentos aqueles que podem trazer consequências traumáticas às vítimas.

Etimologicamente a violência tem origem no latim *violentia*, que tem como significados violência, caráter bravo e força. *Violare* é o verbo que corresponde aos atos de violência, de profanar e de transgredir. O prefixo - *vis* - atribui às palavras os sentidos de força, vigor,



potência, violência, emprego de força física, assim como quantidade, abundância, essência ou caráter essencial de algo (Michaud, 1989).

É preciso estar atento ao conceituar os tipos de violência, uma vez que são utilizados diversos nomes que aparentemente dizem respeito ao mesmo fenômeno. É comum atribuir como sinônimos os termos violência familiar, doméstica e de gênero, o que para Saffioti (2004) não é a perspectiva mais adequada. Segundo a autora, violência familiar se refere ao grupo tanto unido pela consanguinidade quanto pela afinidade, podendo ser da família nuclear ou extensa, sem a necessidade de viver sob o mesmo domicílio. Enquanto a violência domiciliar é aquela imposta àqueles que vivem, mesmo que parcialmente, no domicílio do agressor, podendo ser a família, os agregados ou os empregados.

A violência de gênero, no entanto, alude à relação governada pela gramática sexual, em uma tentativa de ampliar o conceito de forma que o polo não caia necessariamente no âmbito masculino (Saffioti, 2004). A agressão neste caso seria dirigida a alguém por conta de pertencer a um determinado sexo, pelos papéis de gênero que se acredita que cada um deve exercer. O mais comum é que se tenha a expectativa de que o homem domine a mulher, havendo casos que pode até levá-la ao óbito (Meneguel e Hirakata, 2011). Também se usa o conceito de gênero na tentativa de desconstruir a naturalização do feminino e do masculino, com o objetivo de compreender a identidade sexual em uma dinâmica de relações sociais construídas em um momento histórico.

Neste trabalho será utilizado o termo violência conjugal para designar a agressão física e/ou psicológica de um homem contra a mulher, mesmo sabendo que as mulheres também podem ser violentas em um relacionamento amoroso (Hirigoyen, 2006).

Foi objetivo deste estudo investigar em que medida a violência seria transmitida de uma geração a outra, buscando avaliar a possível repetição, na família atual, da hostilidade ocorrida na família de origem em casos de violência contra as mulheres.

Papel de cada um na violência

Em relação à violência, é necessário compreender o lugar da vítima e do agressor nesse processo. Saffioti (1999) destaca que uma característica da violência é a rotinização, dando a cada gênero um papel pré-estabelecido, levando à codependência e à consolidação da relação fixada. Para ela, o relacionamento violento é uma prisão. Falcke, Oliveira, Rosa e Bentancur (2009) explicam que a dinâmica da interação conjugal, em casos de violência, alimenta e perpetua as características do laço violento. Normalmente essa dinâmica se apresenta de forma cíclica, relacional e progressiva.

A violência conjugal deve ser compreendida não somente como a mulher sendo submissa às agressões, de forma unidirecional, mas compreendendo a relação sendo construída bidirecionalmente. É preciso compreender a violência conjugal a partir de uma visão sistêmica, levando em consideração a história de vida de cada integrante do casal, de como se construiu o vínculo afetivo e ainda de como se estabeleceu a interação entre eles. O funcionamento do casal, portanto, sempre é uma coconstrução dos cônjuges, inclusive em relacionamentos violentos (Falcke *et al.*, 2009). Citando Gordon, Saffioti (1999) analisa a violência não como expressão de um indivíduo violento, mas como uma trama familiar composta por sujeitos que, de alguma forma, compõem o cenário apresentado. Araújo (2005) observa também que o atendimento de um dos parceiros em terapia individual, com foco na dinâmica conjugal, já produz mudanças



na relação amorosa agressiva, pois ajuda à compreensão de como produzem e reproduzem a violência. Além disso, sabe-se que a desigualdade de gênero ajuda a serem estabelecidas relações de poder na família, influenciando na ocorrência de violência contra a mulher (Reichenheim, Souza, Moraes, Jorge, Silva e Minayo, 2011). Aspectos transgeracionais também estão presentes, já que o papel e a função dos membros da família podem ser determinados por três gerações e pelos mitos familiares (Kaës, Faimberg, Enriquez e Baranes, 2001; Kaës, 2005).

Outra questão importante diz respeito à escolha de um parceiro violento. Freud (1910/1980) afirma que há influência dos modelos parentais na preferência e vinculação conjugais e familiares, e que estes são transmitidos através das gerações a partir do complexo de Édipo. Araújo (2005) expõe que, no caso da violência conjugal, os papéis de vítima e algoz são intercambiáveis, uma vez que nem sempre ela é passiva, apresentando alguma resistência, e ele, sem perceber, acaba prisioneiro da dinâmica agressiva que estabelece. Ambos, portanto, se utilizam de estratégias de poder, de dominação e também de submissão.

Lima e Werlang (2011) afirmam que a repetição da violência acontece por meio de escolhas conjugais que acabam por reproduzir a situação vivenciada na infância. Esse acontecimento representa que houve um aprisionamento ao evento traumático. As autoras acrescentam que ao longo das gerações a violência pode se repetir, sendo, portanto, fundamental cessar esse ciclo. A violência é permeada por inúmeros atos como humilhações, xingamentos e ofensas que parecem projetar as partes de si mesmo atacadas, desvalorizadas e maltratadas em outros objetos. Isso se dá tanto quando o sujeito se identifica com o eu sofredor quanto com o objeto algoz (Kernberg, 2007).

Transmissão psíquica geracional

Na prática clínica pode-se observar a repetição de padrões familiares que indicam a influência da história familiar e da identificação do sujeito com seus ancestrais na subjetividade do indivíduo. Após o anúncio dessa história, que até esse dado momento não havia sido assumida pelo sujeito, há uma descarga de tensão, que às vezes surpreende o paciente e também parece posicionar a história em seu devido tempo e espaço. Essa perspectiva nova ajuda o sujeito a se apossar da história como pertencente ao passado histórico de seus ancestrais, e, ao mesmo tempo, dá margem para se libertar da condição alienante em que se encontrava.

A transmissão psíquica é objeto de inúmeros trabalhos. Neste estudo, será privilegiada a vertente psicanalítica da transmissão (Benghozi, 2010, Kaës *et al*, 2001, Kaës, 2005). A constituição do sujeito deriva da intersubjetividade, ou seja, do grupo que o precede (Kaës *et al*, 2001). O autor afirma que a constituição do sujeito do grupo é determinada por dois aspectos convergentes, tanto pelo próprio funcionamento do inconsciente no psiquismo, quanto pela imposição de um trabalho psíquico feito a partir da intersubjetividade. Ou seja, a psique é subordinada àquilo que precede o sujeito, como a família, as instituições e as massas.

Aqueles que são escolhidos como representantes do grupo e que antecedem o sujeito, o sustentam e o mantêm por meio dos cuidados e dos investimentos. São eles que oferecem meios de proteção e de ataque, assim como nomeiam os lugares, apresentam os objetos, traçam vias de realização, indicam limites e enunciam interditos.

O psiquismo se forma a partir dessas ações e é apenas sob essas condições que o sujeito pode utilizar a linguagem e a fala das gerações anteriores. Ele herda predisposições, se apropria delas e as utiliza para determinada finalidade. No entanto, parte da herança permanecerá desconhecida e obscura dentro do sujeito, sendo imposta por um ou por vários outros. O legado



se dá de diversas formas, por intermédio do apoio dado, da identificação com os outros e da incorporação de aspectos daquele que antecede (Kaës *et al*, 2001).

O sujeito do grupo pertence a mais de um grupo, isso porque coexistem inúmeros espaços psíquicos intersubjetivos. Esse processo se dá por via psíquica e o sujeito os herda por meio do apoio, da identificação, da incorporação, pelas exigências próprias e por suas coerções de recalçamento, contraditórios e convergentes. Kaës *et al* (2001) sugere que as formações do inconsciente podem ser transmitidas por meio das cadeias das gerações e dos contemporâneos. O autor afirma que não se pode eleger não participar dos grupos que o precedem. Isto é algo que está determinado pela pré-história da pessoa e por todos aqueles que fizeram parte dela. É a participação de mais de um sexo e de mais de um indivíduo que torna o sujeito herdeiro e servidor dos desejos insatisfeitos, dos recalçamentos, das renúncias, das fantasias e das histórias do grupo que o antecede.

É por meio dos grupos que “são transmitidas e remanejadas as formações do ideal, as referências identificatórias, os enunciados míticos e ideológicos, os mecanismos de defesa, uma parte da função recalçante, os ritos” (Kaës *et al*, 2001, p.14). O autor expõe ainda que o que é retido em uma geração pode ser acessível a outras através de traços, já que a transmissão se dá por meio destes. Exemplo disso são os sintomas que mantêm presentes o recalçado, mesmo sem que se tenha conhecimento da motivação do sofrimento. Com isso, as gerações permanecem interligadas. O que se observa é que há pressão para que sejam transmitidas as heranças, podendo provocar depósitos, enquistamentos, projeção ou rejeição do não-recalçado. A transmissão, segundo Kaës, é também material, uma vez que não necessariamente é acessível pelo sentido das palavras. Nessa vertente, o autor expõe uma vinheta clínica em que a paciente tinha sintomas autodestrutivos e descobre que era vítima de violência materna na infância. Para sua surpresa também, as mulheres da família por três gerações repetiam uma dinâmica de serem vítimas e carrascos. Tal exemplo mostra o enredamento intersubjetivo do sintoma com uma situação de violência de que a paciente não tinha conhecimento (Kaës *et al*, 2001).

Um aspecto interessante de ser observado é a apropriação inconsciente que o herdeiro faz dos sintomas familiares, a partir da identificação. A identificação é a mais antiga forma de laço emocional entre objetos (Freud, 1921/1976). Silva, Falbo Neto e Cabral Filho (2009) observam que a família possui um espaço psíquico comum onde são mobilizados os processos de identificação que fundam o alicerce de construção identitária e da transmissão psíquica geracional. Com isso, parece que o sujeito, ao se identificar com os antepassados, constrói sua identidade e se une à família.

Para Kaës *et al*, (2001), quando Freud cita a frase de Goethe “Aquilo que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu” está afirmando o processo ativo da transmissão da hereditariedade psíquica: há uma aquisição apropriativa. O autor retoma a posição de Freud de que a herança é necessária para que o sujeito se constitua, sendo ela da ordem da transmissão simbólica. Por meio da hipótese de Freud de como se dá a transmissão, o autor conceitua o aparelho inconsciente da transmissão como aquele que é capaz de interpretar, constituindo e produzindo sentidos.

Kaës (2005) relaciona a transmissão da vida psíquica entre gerações com a negatividade. O autor expõe que a transmissão não se dá só *pelo positivo*, ideais, mecanismos de defesa neuróticos, identificações e pensamentos de certezas; mas também *pelo negativo*, quer dizer, aquilo que não pôde ser contido, retido e lembrado, o que não estava inscrito no psiquismo dos pais, mas que é depositado ou enquistado na *psique* do filho. Padrões de negativo são, por exemplo, a falta, a enfermidade, a delinquência, o que ficou desaparecido sem traço nem lembrança, em que não foi realizado o trabalho de luto.



Kaës *et al* (2001) ressaltam que tudo que foi abolido em algum tempo aparecerá como enigma, ou seja, como signo do que não pôde ser simbolizado, em gerações posteriores. O interessante é que alguns sujeitos se colocam como portadores do impensado, com a anuência inconsciente dos outros, firmando seu destino e seu próprio fim nesse lugar enigmático.

Para Kaës (2005), existem essencialmente dois processos de transmissão da vida psíquica entre gerações: as identificações e as alianças inconscientes. O vínculo entre as gerações se estabelece por meio da identificação com o objeto do desejo e com a fantasia inconsciente do outro. Dentre as várias formas de identificação, o autor cita a identificação projetiva que, por sua vez, dificulta o processo de introjeção, já que o sujeito projeta partes de si em um objeto. As alianças inconscientes, no entanto, propiciam a transmissão da vida psíquica entre gerações e entre os membros de um grupo por meio do pacto denegativo, uma vez que para que o vínculo se estabeleça são impostos acordos inconscientes sobre o inconsciente. Os vínculos se organizam tanto de forma positiva, mantendo os “investimentos mútuos, identificações comuns, sobre uma comunhão de ideais e crenças, sobre modalidades toleráveis de realizações de desejos” (Kaës, 2005, p. 132-3), quanto negativamente, através de renúncias, sacrifícios, apagamentos, rejeições e recalques e restos. As alianças inconscientes asseguram que ninguém saiba sobre desejos que lhe são próprios ou dos que os antecederam, alcançando unicamente a realidade psíquica obtida a partir das alianças contratadas.

Benghozi (2010) afirma que o que dá base à transmissão psíquica consciente e inconsciente são os laços psíquicos de filiação e de afiliação. E o autor resalta que “a construção do laço de aliança conjugal é uma forma de remalhagem recíproca dos continentes familiares das famílias de origem de cada cônjuge” (p. 103). Em seguida, ele liga os problemas de laço com os da transmissão psíquica.

De acordo com Ruiz Correa (2000), a diferença entre transmissão psíquica transgeracional e intergeracional é que na primeira se transmite o que não foi transformado, nem elaborado e tampouco simbolizado, enquanto a intergeracional se caracteriza por ser um material transmitido e transformado entre gerações mais próximas.

A violência também é transmitida entre as gerações, seja como uma tentativa de elaboração do trauma vivenciado, seja na forma de método de resolução de problemas. Lima e Werlang (2011) chamam a atenção para casos de pessoas que foram vítimas de agressividade quando crianças pelos pais e reproduziram essa forma de interagir socialmente para com seus filhos, na tentativa de educá-los e impor limites. Tal procedimento reduz as vítimas em objetos de maus-tratos e pode produzir ações como violência, abuso de poder disciplinador e coercitivo, vitimização e até negação dos valores humanos fundamentais, tais como a vida, a liberdade e a segurança.

As vivências de cada cônjuge com seus pais na infância, quando não simbolizadas, levam à repetição, deslocando para o parceiro amoroso a tentativa de elaboração. O que torna mais complexo esse processo são os conteúdos não assimilados, que foram transmitidos de uma geração à outra, ou seja, a transmissão psíquica transgeracional (Kaës *et al*, 2001). Tal transmissão de conteúdos não elaborados por uma geração também provoca a repetição nas gerações posteriores da família.

Método

Para alcançar os objetivos propostos, foi realizada uma pesquisa de campo, por meio do recurso de entrevista por bate-papo na internet, tendo sido entrevistadas nove mulheres que sofreram violência física de seus companheiros ou maridos. A pesquisa seguiu as normas éticas, tendo sido esclarecidos os objetivos e os cuidados da mesma às participantes. Foi-lhes solicitado também que concordassem com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido enviado por e-mail. A metodologia utilizada foi a análise de conteúdo (Bardin, 2011).



Análise e discussão dos resultados

Nessa pesquisa buscou-se investigar a compreensão que as mulheres –tinham da história da violência em suas vidas. Assim, foi possível averiguar os aspectos mais importantes na perspectiva das mulheres. As entrevistadas tinham entre 22 e 53 anos. Todas, exceto uma, eram mães. Apenas uma era dona de casa, as demais tinham emprego. Todas, exceto uma (USA), moravam em diferentes estados do Brasil. Três mulheres ainda moravam com o agressor, as demais se separaram do cônjuge hostil entre 15 dias e 7 anos antes do momento da entrevista. Segundo as participantes, elas permaneceram de 1 a 20 anos no relacionamento agressivo. A grande maioria relatou que seus filhos testemunharam a violência conjugal. Não foi verificada a classe social das entrevistadas.

É importante ressaltar que na medida em que as entrevistas foram feitas em programas de mensagens instantâneas da internet, os textos das mesmas foram mantidos da maneira que foram enviados pelas participantes, portanto, sem nenhuma correção dos eventuais erros gramaticais. Além disso, para melhor compreensão do leitor, em alguns momentos acrescentaram-se informações, entre colchetes, baseadas no contexto da afirmação. Dos discursos das entrevistadas, selecionamos a categoria repetição da violência, que será discutida nesse artigo.

Todas as entrevistadas, exceto uma, relataram repetição da violência, ocorrida na família de origem, pela família constituída e, até mesmo, da violência manifestada na família extensa, como tias, sobrinha e irmãos. Em alguns casos, a repetição se apresentou em três gerações. Nos exemplos abaixo, pode-se observar um histórico de sucessivas violências, entre vários personagens da história familiar.

“Bom... eu moro com meu companheiro há 20 anos tenho 3 filhos. / Ele sempre foi muito ciumento... / Eu não podia ter amigas, ele me seguia pelas ruas (...)Meu pai era um pai bravo / muito bravo/ ciumento com as filhas... / não deixava sair / namorar (...)minha mãe tb sofreu muito com ele. / anos e anos / ele bebia muito / era agressivo / ela tb ficava calada / (...) minha irmã.....passou quase o mesmo q eu / mas se acertou com o marido...e hoje vive bem / minha sobrinha...sofreu com o marido..ela apanhou..mas tb se livrou dele. / pq ele aprontou e foi preso no paraná. / dois irmãos meus tb...passaram o mesmo no casamento / o mesmo / muitas brigas...e violencia... / meu irmão...mais velho brigava muito com mina cunhada.. / até q se separam.../ minha irmã....brigava muito...com meu cunhado até pegou faca para atacar ele, mas ele diz q era ele o errado pq sentir ciúmes dela; / um irmão....é muito calmo era minha cunhada q usava drogas.e bebia muito / judiava dos filhos e ele se separou/ (...) [algum de seus avós eram violentos?] da minha mãe não... / mas do meu pai eram sim.. / pelo que sei”
(Rafaela, 38 anos, 3 filhos, dona de casa, vive com o agressor há 20 anos).

Na primeira vinheta, a avó batia na mãe, que depois espancou a filha e que por sequência se envolveu com um homem que a agredia.

No segundo caso, o enredamento intersubjetivo parece ser mais extenso. O pai, proveniente de uma família violenta, apresentou comportamentos muito agressivos e ciumentos ante os filhos e a mãe. A prole desse casal também reproduziu tal dinâmica, seja na posição de algoz, seja na de vítima. Uma sobrinha foi referida como também vítima de hostilidade do cônjuge. De alguma forma parece que a família tem sua identidade formada através de um sintoma, a violência.



Uma participante expôs que das nove tias, sete sofreram violência doméstica. Esse número elevado de herdeiros do sintoma familiar parece remeter ao quanto a família ficou ligada aos grupos que o precedem e reproduziram o sintoma familiar (Kaës *et al*, 2001). Cabe, no entanto, ressaltar que aparentemente duas tias escaparam desse legado, cabendo investigar quais foram os efeitos dessa herança na vida dessas pessoas. Assim, parece que a maioria dos integrantes da família recebeu a transmissão e se apropriou das referências identificatórias e dos mecanismos de defesa sem muita transformação. Isso tornou acessíveis os sintomas aos descendentes por meio de traços, mantendo presentes o recalco e interligando as gerações. Esse exemplo ressalta o assinalamento de Silva *et al* (2009) sobre como se comunicam os conteúdos inconscientes familiares por meio das identificações com as relações mais importantes da vida da pessoa.

“minhas tias minhas / a maioria era devido a bebidas.... / eles alcoolizados batias nelas / mas tem uma q mora vizinho aqui / ela é minha tia tbm / sofre tudo q eu passei até hj / ja estar nessa situação há 5 anos.(...) [quantas tias vc tem?] 9 [e quantas dessas sofreram violência?] 7 ”. (Carla, 22 anos, 1 filho, autônoma, separada há 1 ano, tempo de relacionamento 3 anos).

Algumas entrevistadas declararam que familiares agressivos sofreram violência na infância. Kernberg (2007) afirma que quando o sujeito se identifica com um objeto não confiável e mau de sua infância, esse tem a predisposição de destruir vingativamente todas as relações objetais que venha a constituir. Os sujeitos repetiram a dinâmica de serem carrascos, possivelmente, sob a ótica da psicanálise, por conta do mecanismo de identificação (Freud, 1921/1976). Esse achado está consoante com outros estudos que sinalizaram a repetição da violência entre aqueles que foram vítimas de pais agressivos na infância (Lima e Werlang, 2011). Esse aspecto corrobora a afirmação de Kaës *et al* (2001) de que a constituição do sujeito deriva da intersubjetividade, de que o psiquismo é subordinado à família e, ainda, sobre a possibilidade de o sujeito repetir a posição de vítima ou carrasco tal como os antepassados. Esse aspecto parece também se referir à capacidade do indivíduo de se identificar com o grupo que o antecede de forma a construir sua identidade por meio da transmissão psíquica geracional (Silva *et al*, 2009).

“Minha mãe batia muito. Nos deixava com hematomas. Batia escondido do meu pai, que não gostava que ela nos surrasse./ Não precisava nem ter motivo. Todos os dias, tinha surra (...) [e o que sabe sobre a vida da sua mãe?] Ela conta que apanhava muito” (Camila, 53 anos, 3 filhos, professora, separada do agressor há 15 dias, tempo de relação 1 ano e 9 meses).

“meu pai era muito ruim judiava da minha mãe e de meus irmãos / [eu] sofria agressões / I pelo meu pai (...) [pq vc acha q seu pai batia?] por que meu vo fazia isso com ele eu penso que é uma maneira dele se vingar do meu avó / entende”. (Luana, 27 anos, 2 filhos, manicure, separada há 7 anos, tempo de relação 3 anos).

De acordo com Kernberg (2007), as vivências iniciais do sujeito podem favorecer a manifestação de violência e originar psicopatologias. Houve a reprodução da violência na posição de algoz entre aqueles que testemunharam agressões entre os pais, sugerindo que esses podem ter manejado o sofrimento invertendo-o em ódio (Kernberg, 2007) e, ainda, que testemunhar é tão danoso quanto ser vítima da violência (Hirigoyen, 2006). Essa reprodução da brutalidade está consoante com a afirmação de Kaës *et al* (2001) de que os antepassados influenciam em como o sujeito se comportará. Assim, o lugar daquele que produz comportamentos agressivos parece ter se repetido por meio da identificação e da reprodução



dos atos nos relacionamentos constituídos. O sujeito se tornou aquilo que de alguma forma foi anunciado a ele por meio dos investimentos, do desejo e das representações da família.

“Meu pai era um pai bravo / muito bravo/ ciumento com as filhas.. / não deixava sair namorar (...) minha mãe tb sofreu muito com ele. / anos e anos / ele bebia muito / era agressivo / ela saia toda arranhada. (...) [algum de seus avós eram violentos?] da minha mãe não... / mas do meu pai eram sim.. / pelo que sei” (Rafaela, 38 anos, 3 filhos, dona de casa, vive com agressor há 20 anos).

“[pai] ele batia nela [mãe]/ mas ela q batia nele primeiro. / (...)ela ia pra cima dele.... mas ele segurava ela.....(...) meu avô [materno] qndo eu era criança ele batia muito na minha avó / mas eu ã via. / pq até hj minha avó sofre com o meu avô / hj em dia ele ã bater mas nela / mas fica humilhando ela”. (Carla, 22 anos, 1 filho, autônoma, separada há 1 ano, tempo de relacionamento 3 anos).

Mulheres que sofreram violência dos seus companheiros e da família informaram que também agiram de forma agressiva, seja com seu parceiro violento ou com a prole. Tais resultados confirmam o que foi encontrado por Hirigoyen (2006) e Kernberg (2007). Parece que nesses casos houve a identificação com o agressor e com a relação dolorosa, impotente e paralisante que tinham com ele. Nessa dinâmica, tal como exposta por Kernberg (2007), projetam as partes de si mesmas maltratadas em outros objetos, fazendo com que os relacionamentos agressivos continuem as engolindo, mesmo que estejam na posição de algozes ou de vítimas. Além disso, conforme Araújo (2005) assinalou, mesmo em posição de vítimas, as mulheres nem sempre são totalmente passivas. Nos casos apresentados parece que de alguma forma a violência sofrida não foi simbolizada, obrigando à repetição, tanto nos parceiros quanto na prole, em uma tentativa de elaboração.

“[ex-companheiro agressivo] ele estava com amigos / partia primeiro de mim / as agressões verbais / (...) sou uma pessoa impulsiva / sei q muitas vezes saio de mim / em discussão / (...) mas nunca mais deixei alguém encostar a mão em mim (...) já me peguei com ódio e voando em cima da pessoa / como se fosse a atitude inversa (...) [com o atual companheiro] e naquela discussão fez não fiz / parti para cima dele com ódio / rasguei a blusa dele / dizendo / não me chame de mentirosa (...) agredir ele / ele nunca levantou a voz para mim”. (Priscila, 36 anos, estagiária, separada há 3 anos, tempo de agressão 1 ano).

“[e como eram as agressões vindas de sua mãe?] por essa imposição moral, ela cobrava de mim um amadurecimento, as palavras eram de similares as usadas para ofender os meus irmãos, muito a palavra insolente, quando eu quebrava algo, muita culpa, ela me punia com a culpa, com a rejeição, com o endurecimento do corpo e da voz, eu não lembro muito das palavras, somente os gestos, o tom da voz, o olhar (...) / meu ex, agrediu-me com uma tentativa superficial de esganadura (...). [e como ele era violento com você?] em constrangimentos / bem parecido com a maneira da minha mãe / como eu ousava não ser dentro do padrão / era um discurso dúbio / e eu me cobrava o comportamento dentro das expectativas dele / e não o que eu era / de fato / eu durante anos , fiquei perdida dentro de mim mesma (...) / [entre ela e a filha]

tapas, arranhões(dela [filha] em mim), muitos empurrões, gritos, ofensas... (Fernanda, 42 anos, 3 filhos, psicóloga, separada há 4 anos, tempo de relação 13 anos).



Em alguns casos ficou muito evidente a repetição até mesmo das formas de violência vivenciadas, que se apresentaram como cópias muito semelhantes às anteriores, sugerindo que houve um padrão de transmissão das experiências de violências ao longo de gerações (Lima e Werlang, 2011) e um processo de identificação que levou à apropriação das qualidades do outro, utilizando-as para determinado fim (Kaës, *et al*, 2001).

“Meu pai era um pai bravo / muito bravo/ ciumento com as filhas.. / não deixava sair / Namorar / (...) uma vez até fugi de casa / aos 12 anos../ pq ele acho q tinha um menino afim de mim, e pegou uma faca bêbado / e disse q ia acabar com o menino / eu senti medo/ e fugi de csa. / (...) Ele [o companheiro] sempre foi muito ciumento... / Eu não podia ter amigas, ele me seguia pelas ruas... (...) eu passo a noite em claro / pq ele pega a faca... / e fica alisando ela / para me dar medo / e eu não durmo” (Rafaela, 38 anos, 3 filhos, dona de casa, vive com o agressor há 20 anos).

“meu ex, agrediu-me com uma tentativa superficial de esganadura (...) eu tentei esganá-la [a filha] na primeira agressão (...) / ” (Fernanda, 42 anos, 3 filhos, psicóloga, separada há 4 anos, tempo de relação 13 anos).

Duas entrevistadas relataram espontaneamente a crença de que a violência tem relação com a vivência de agressões na família, o que também foi assinalado nos estudos de Santos e More (2011). Uma, ao ser questionada sobre a história da violência em sua vida, respondeu a partir da história de sua infância.

“Sim, na verdade começou na infância, em minha família de origem: meus irmãos maiores com diferença de idade de 5 e 7 anos, me batiam por motivos fúteis, além do assédio moral. Isto se prolongou dos 7 anos até os 19 anos, quando sai de casa para unir-me ao meu companheiro. / A violência fazia parte das relações familiares.” (Fernanda, 42 anos, 3 filhos, psicóloga, separada há 4 anos, tempo de relação 13 anos).

Outra participante opinou que o pai seria violento com a família constituída para se vingar de seu pai pela violência sofrida na infância. De alguma forma, a filha foi porta-voz do traço que seguiu entre as gerações, apesar do recalçamento. Isso parece estar de acordo com a afirmação de Kaës *et al* (2001) de que tanto o afeto quanto o representante da pulsão são transmitidos entre as gerações. Além disso, a reprodução de comportamentos agressivos em outros objetos, com o objetivo de se vingar das relações patogênicas do passado, também foi observado por Kernberg (2007). O autor afirmou ainda que o sujeito expressa a ira ativa numa relação objetual totalmente má na expectativa inconsciente de eliminá-la e restaurar uma relação boa.

“[pq vc acha q seu pai batia?] por que meu vo fazia isso com ele eu penso que é uma maneira dele se vingar do meu avô / entende”. (Luana, 27 anos, 2 filhos, manicure, separada há 7 anos, tempo de relação 3 anos).

Mulheres vítimas de violência no presente informaram ter sofrido ou testemunhado violência de suas mães na infância, o que foi consoante com a afirmação de Hirigoyen (2006) de que as mulheres também são violentas. No entanto, as participantes repetiram a posição de vítima da infância e não o lugar estabelecido pelas mulheres de sua família, ou seja, de algozes.

“Minha mãe batia muito. Nos deixava com hematomas. Batia escondido do meu pai, que não gostava que ela nos surrresse./ Não precisava nem ter motivo. Todos os dias, tinha surra”



(Camila, 53 anos, 3 filhos, professora, separada do agressor há 15 dias, tempo de relação 1 ano e 9 meses).

Apesar da consciência do dano sofrido e de afirmar desejar se separar, algumas mulheres relataram que se sentiam dependentes do parceiro. Essa dinâmica parece ser possível pela formação de um vínculo muito forte com o abusador e por fixação ao trauma, tal como foi descrito por Kernberg (2007).

“queria muito me separar / mas me sinto totalmente dependente”. (Sara, 29 anos, 3 filhos, revendedora, mora com o agressor há 7 anos).

Outro aspecto que chamou atenção foi o padrão repetitivo de reação submissa e da vulnerabilidade, o que respectivamente foi também assinalado por Hirigoyen (2006) como comuns em vítimas de agressões. Outra participante expôs a crença de que em outro relacionamento poderá estar às voltas com o mesmo padrão de submissão e violência.

“[o q ele faz q faz vc sentir esse medo?] eu penso que um homem pode chegar e me conquistar fazer com que eu o ame e depois me iludi me acredi tanto verbal como fisicamente”. (Luana, 27 anos, 2 filhos, manicure, separada do agressor há 7 anos, morou com ele por 3 anos).

Foi relatado que elas reagiam à violência, ou seja, não eram passivas a ela:

“xingava ele tbm de covarde / todas as vezes que ele me agrediu eu ia para cima dele tbm” (Lívia, 26 anos, assistente de marketing, separada há 1 ano, tempo de agressão 1 ano).

Considerações finais

Buscou-se neste trabalho investigar em que medida a violência seria transmitida de uma geração à outra, buscando-se avaliar a possível repetição, na família atual, da hostilidade ocorrida na família de origem, em casos de violência contra as mulheres.

Ao realizar esse estudo, inúmeros desafios apresentaram-se. O primeiro deles foi como entrevistar as participantes, uma vez que esse é um tema que as vítimas costumam manter em segredo. A escolha do método de entrevista via internet pareceu o mais adequado, por evitar o constrangimento do contato direto, o que, de alguma forma, pareceu verdadeiro. No entanto, as mulheres tiveram dificuldades em abordar o tema, não somente pela vergonha, mas também pela mobilização emocional pela qual passam ao relatar a história da violência. Foram marcadas inúmeras entrevistas às quais as mulheres não compareceram. Depois, quando se enviava um e-mail para saber o motivo da ausência, algumas respondiam que não queriam falar sobre o assunto. Outras expuseram estar sem tempo ou não responderam mais. Uma participante, no meio do bate-papo, pediu para parar e remarcar para o dia seguinte, porém não compareceu e, alguns dias depois, ela informou que o assunto era difícil e não terminamos a entrevista. Por isso também só foram entrevistadas nove mulheres.

Outra dificuldade foi que os encontros em programas de conversação pela internet requereram muito tempo e parece ter sido bem cansativo para as entrevistadas. Ao contrário do contato pessoal, a entrevista pela internet exige mais das partes por sua própria dinâmica de perguntas e respostas digitadas em que se precisa escrever e esperar o outro responder, alongando o tempo,



de forma a cansar a participante. Por isso, em muitas entrevistas não foi possível aprofundar algumas questões importantes, como a história dos antepassados. Quando se chegava nesse assunto, havia a queixa de cansaço ou do tempo de entrevista, o que fez por vezes terminar o encontro.

Futuros estudos, talvez, possam se constituir de perguntas mais objetivas, relacionadas aos pontos mais importantes, propostas no início da entrevista. Também pode ser interessante enviar um pequeno questionário junto com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para que os dados pessoais e objetivos sejam coletados anteriormente, diminuindo o tempo de entrevista. Por último, o tema também foi um desafio importante. Isso porque, ao entrevistar essas mulheres, sentimentos contratransferenciais estiveram presentes. Muitas vezes, foi necessário utilizarem-se técnicas de respiração para continuar os bate-papos e se afastar um pouco da demanda de solução dos problemas, mencionada pelas entrevistadas. Muitas cenas relatadas foram impactantes, e a própria maneira de se contar a história, aparentemente neutra e corriqueira, assustou a pesquisadora. Com isso, parece ser bastante relevante que os profissionais estejam atentos aos seus próprios sentimentos ao atender tais pacientes. Por vezes, a pesquisadora foi chamada ao lugar daquela que resolveria a situação da mulher. Por exemplo, duas entrevistadas, por diversas vezes, falavam das suas dificuldades emocionais e perguntavam o que elas deveriam fazer. Posicionavam a entrevistadora no lugar de salvadora de seus problemas, em uma tentativa de se livrarem deles rapidamente, porém com pouca participação das mesmas na resolução.

Por meio da pesquisa de campo, observou-se que houve repetição da violência ocorrida na família de origem na família constituída e, até mesmo, na família extensa, como tias, sobrinha e irmãos de, praticamente, todas as entrevistadas. Ela não passa despercebida pela família. Parece que o ambiente domiciliar hostil influenciou algumas das participantes a se casarem na adolescência como forma de fuga. Além disso, algumas entrevistadas mencionaram que familiares agressivos sofreram ou testemunharam violência na infância. Vítimas de companheiros ou familiares também repetiram o padrão agressivo com os cônjuges ou os filhos. Ao finalizar esse estudo, considera-se que a violência conjugal é um tema complexo, uma vez que, além dos aspectos culturais, de gênero, individuais e até possivelmente psicopatológicos, há perpetuação da violência na família. O sujeito, herdeiro de todas as histórias familiares, pertence ao grupo intersubjetivo que o antecede. Assim, parece ser de fundamental relevância dar visibilidade ao aspecto da transmissão da violência, tendo em vista a influência dos mecanismos identificatórios, bem como ressaltar a importância da busca de elaboração dos traumas transgeracionais.

Apesar da importância das medidas coercitivas adotadas pelas autoridades públicas, parece que somente isso não produz mudanças efetivas. A psicologia, com suas ferramentas, pode ajudar, através da psicoterapia familiar, e mesmo em atendimentos individuais, a compreender melhor essa dinâmica.

Por tudo isso, é importante dar continuidade ao desenvolvimento de pesquisas sobre esse tema, a fim de aumentar a compreensão da violência conjugal e subsidiar a prática clínica com indivíduos, famílias e casais, envolvidos em questões de violência, assim como a criação de propostas de intervenção no âmbito da saúde pública.

Referências

Araújo, M. de F. A difícil arte da convivência conjugal: a dialética do amor e da violência. Em:



- Féres-Carneiro, T. (org.) (2005) *FAMÍLIA E CASAL: efeitos da contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola.
- Bardin, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p
- Benghozi, P. (2010). *Malhagem, filiação e afiliação - Psicanálise dos vínculos: Casal, família, grupo, instituição e campo social*. (E. D. Galery, Trad.). São Paulo: Vetor.
- Falcke, D., Oliveira, D. Z. de, Rosa, L. W. da & Bentancur, M. (2009) Violência conjugal: um fenômeno interacional. *Contextos Clínic* [online]. vol.2, n.2, pp. 81-90. ISSN 1983-3482
- Freud, S. Um tipo de escolha de objeto feita pelos homens. (Contribuições à Psicologia do amor I). Em: Freud, S. (1910/1980) *Cinco lições de Psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, (vol. XI, pp.147-157). Rio de Janeiro: Imago.
- _____. Psicologia de grupo e análise do ego (J. Salomão, Trad.). Em Freud. S. (1921/1976) *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago.
- Hirigoyen, M-F. (2006) *A violência no casal: da coação psicológica à agressão física*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Kaës, R. (2005) *Os espaços psíquicos comuns e partilhados: Transmissão e negatividade*. Casa do Psicólogo, São Paulo.
- Kaës, R.; Faimberg, H.; Enriquez, M.; E Baranes, J. J. (2001) *Transmissão da vida psíquica entre as gerações*. Casa do Psicólogo, São Paulo.
- Kernberg, O. F. (2007) *La agresión en las perversiones y en los desórdenes de la personalidad*. Paidós, Buenos Aires.
- Lima, G. Q. de & WERLANG, B. S. G. (2011) Mulheres que sofrem violência doméstica: contribuições da psicanálise. *Psicol. estud.* [online]., vol.16, n.4, pp. 511-520. ISSN 1413-7372.
- Meneghel SN, Hirakata VN. (2011) Femicídios: homicídios femininos no Brasil. *Rev. Saúde Pública*. [Internet] jun [citado 2011 set 04]; 45(3): 564-74.
- Michaud, Y. (1989) *A Violência*. São Paulo, Ática.
- Reichenheim ME, Souza ER, Moraes CL, Jorge MHPM, Silva CMFP, Minayo MCS. (2011) *Violência e lesões no Brasil: efeitos, avanços alcançados e desafios futuros*. *The Lancet*. maio; 75-89.
- Ruiz Correa, O. B. (Org). (2000) *Os avatares da transmissão psíquica geracional*. São Paulo: Escuta.
- Saffioti, Heleieth I. B. (2004) *Gênero, Patriarcado, Violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- Santos, A. C. W. dos & More, C. L. O. O. (2011) Impacto da violência no sistema familiar de mulheres vítimas de agressão. *Psicol. cienc. prof.* [online]. Vol.31, n.2, pp. 220-235. ISSN 1414-9893
- Silva, M. A., Falbo Neto G. H., e Cabral Filho, J. E. (2009). Maus tratos na infância de mulheres vítimas de violência. *Psicologia em Estudo*, 14 (1), 121-127
- Souto, C. M. R. M. & Braga, V. A. B. (2009) Vivências da vida conjugal: posicionamento das mulheres. *Rev. bras. enferm.* [online]. vol.62, n.5, pp. 670-674. ISSN 0034-7167.